



A CASA DO MAGO DAS LETRAS

LIVROS ELETRÔNICOS

www.lpbaçan.net
www.portalcen.org
www.viladasartes.org
www.avllb.org
www.perolaparana.net

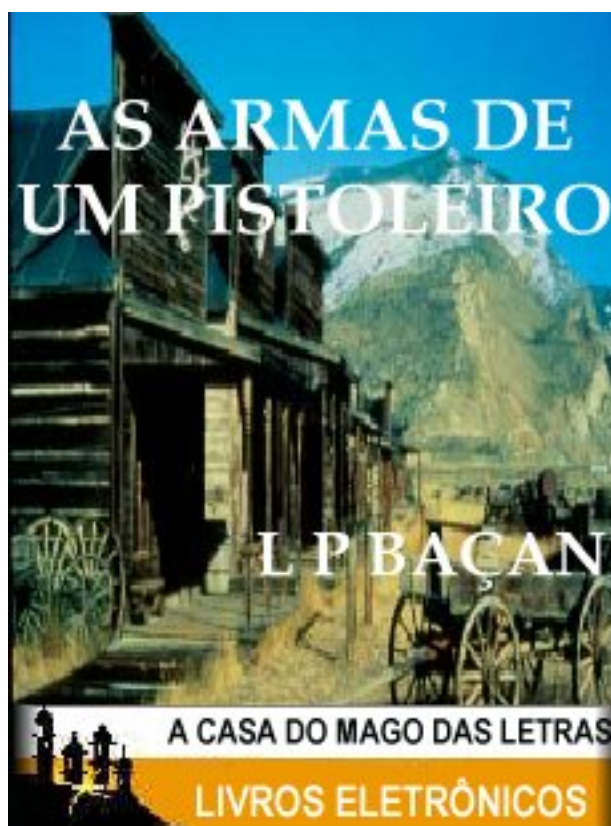
L P Baçan

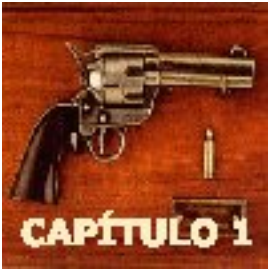
Direitos exclusivos para língua portuguesa:

Copyright © 2007 L P Baçan

Pérola — PR — Brasil

Edição do Autor. Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.





Frank Spade já começava a se sentir incomodado, após alguns dias de permanência em Frisco, aguardando notícias.

Steve Grant devia-lhe uma informação preciosa, talvez a mais importante de toda a vida de Frank.

Aquele distintivo especial, de agente da Pinkerton, havia pesado tempo demais em seu peito. Precisava saber da solução de seu processo de anistia.

Tão logo fosse considerado um homem livre, partiria para o sul. Um lugar especial o esperava no Texas. Lá planejava se estabelecer e esquecer para sempre aquela vida de pistoleiro a serviço da lei.

Penduraria suas famosas armas e tentaria se tornar um homem comum, com desejos e aspirações comuns, numa comunidade pacata, sem atropelos, mortes, perseguições e toda sorte de atribulações de um homem da lei, especializado em caçar bandidos.

Sua espera era amenizada pela bela e ferosa corista do Saloon Aces, que agora repousava, seminua, ao seu lado, na cama do hotel.

A cabeça perfumada, de longos e ondulados cabelos, pesava gostosamente no seu peito másculo, de músculos definidos e fortes.

— Posso sentir sua impaciência, querido — ronronou ela, erguendo a cabeça.

Frank aproveitou para girar o corpo, apanhar um cigarro e acendê-lo. A garota beijou-lhe o peito, depois sentou-se na cama. Começou a se vestir preguiçosamente.

Frank continuou deitado, o trono nu coberto de pelos reluzindo algumas gotas de suor.

— Não suporto ficar muito tempo no mesmo lugar — respondeu ele, acomodando melhor a cabeça para olhá-la.

— Quando pretende partir?

— Assim que receba a informação que estou aguardando.

— Estou sedenta. E você?

Frank olhou para a janela. O sol se refletia nas ondas da baía.

Sorriu preguiçosamente para a garota, que estava terminando de se vestir.

— Por que não vai até o bar e apanha uma garrafa para nós? — propôs ele.

— Oh, não! Está muito abafado aqui. Quero algo gelado — pediu ela, fazendo beicinho.

Frank esmagou o cigarro no cinzeiro, depois espreguiçou-se ruidosamente.

— Vamos, querido, eu o ajudo — disse ela, apanhando o cinturão dele.

— Está bem, você me convenceu — concordou ele, finalmente, levantando-se.

Vestiu-se preguiçosamente. A garota passou-lhe o cinturão. Frank o prendeu à cintura. Verificou as armas. Depois vestiu o paletó elegante, ajeitou o chapéu e saíram. Enquanto caminhavam pelo corredor, Frank podia ouvir as vozes exaltadas no saloon. Quando chegaram no final do corredor, no topo da escadaria que conduzia ao amplo salão, no entanto, um silêncio mortal pairou no ar.

Conhecia aquela reação e, instintivamente, desabotoou o paletó e empurrou-o para trás, liberando o cabo do Colt.

Desceu a escada com os olhos cinzentos atentos aos movimentos dos presentes.

Um grupo de homens junto ao balcão o olhava ostensivamente. Um deles dobrou vagarosamente um pedaço de papel, pondo-o no bolso do colete.

O clima pesado que pairava no ar mantinha os instintos do pistoleiro em alerta.

— Um uísque e duas cervejas geladas — ordenou ele, cuidando para que a garota ficasse a sua esquerda, mantendo livre sua mão direita.

O barman atendeu-os rapidamente, afastando-se para um canto mais seguro do balcão.

O homem que Frank vira dobrando o papel aproximou-se passo a passo, medindo-o dos pés à cabeça.

Frank encarou-o, intrigado. O outro parou junto dele, olhando fixamente.

O pistoleiro conhecia aquele tipo de olhar. Significava provocação e encrenca.

— O que posso fazer por você? — indagou, entornando o copo de uísque de uma só vez.

Apanhou, em seguida, a cerveja e bebeu um generoso gole, sempre mantendo os olhos no homem ao seu lado.

— É Frank Spade? — indagou o outro.

— Quem quer saber? — retrucou, terminando a cerveja e fazendo um gesto para o barman lhe servir outra.

O homem ao lado dele sorriu provocadoramente, depois se voltou para dois outros atrás dele. Os homens estavam imóveis e portavam espingardas de cano curto.

— Vejo que ainda conserva sua famosa dupla de Colts? — observou o outro, apontando para o cinturão do pistoleiro a serviço da lei.

— O que quer, afinal? — insistiu Frank, aborrecido com aquela atitude.

Percebeu que o barman fazia sinais para a garota se afastar do balcão. Ele entendeu o que se estava para acontecer e recuou vagorosamente.

Os dois homens atrás daquele que interrogava Frank se afastaram para o lado. Suas espingardas apontavam para os joelhos do pistoleiro.

Frank conhecia aquele tipo de arma. Sabia do estrago que poderiam causar.

— Há um monte de gente em Abilene querendo sua pele, sabia? — comentou o homem ao lado de Frank.

— Não tenho mais contas a ajustar com a lei. Já cumpri minha parte no acordo. Sou um homem livre agora. Trabalho para a lei — disse ele, retirando cautelosamente o distintivo do bolso interno de seu paletó.

O homem inclinou-se para olhá-lo. Um sorriso cínico desenhou-se em seus lábios.

— Deve ter matado alguém para roubá-lo — comentou, provocando risos nos homens que portavam as espingardas.

Frank sentiu seus músculos tensos, seus sentidos aguçados ao máximo.

Seu corpo retesou-se como o de uma fera prestes a dar o bote. Seus olhos cinzentos cintilaram. Ele analisou rapidamente sua situação.

Já estivera em encrencas piores. E já tivera mais paciência, também.

— Escute, seu idiota — rugiu. — Sei o que está pretendendo fazer. Muitos já tentaram antes de você e se arrependera...

— Ouviram isso, rapazes? — indagou aos demais. — O nosso homem aqui é valente.

Todos riram no saloon. A mão de Frank desceu na direção da coronha do Colt direito.

— É melhor ficar quietinho, Frank Spade. Você vale muito mais vivo do que morto, mas não hesitarei em matá-lo, se não se comportar. Não se mexa. Mantenha suas armas nos coldres e tudo ficará bem. Solte seu cinturão. Quero ver de perto essas armas. Aposto que conseguiu esses serrilhados nas coronhas matando galinhas por aí — zombou o desconhecido.

Frank respirou fundo, apoiando-se no balcão. Ficou imóvel, aguardando o próximo movimento de seu oponente.

— Não vão colaborar, não é? Não tem importância. Eu mesmo tiro suas armas — disse o outro, dando um passo à frente.

Apoiado ao balcão, Frank jogou as pernas para o alto. O salto de uma das botas atingiu o nariz do seu adversário, fazendo o sangue jorrar generosamente.

As espingardas de cano curto soaram ao mesmo tempo, abrindo um rombo no balcão.

Frank girou o corpo em pleno ar, caindo em pé, diante dos dois, que tentavam remunciar suas espingardas.

Os Colts deixaram o abrigo de seus coldres e cuspiram chumbo e morte. Cada um disparou duas vezes, certamente.

Atingidos na testa e no meio do peito, os dois homens deixaram cair as espingardas e tombaram para trás, os olhos esbugalhados refletindo a surpresa.

O pistoleiro se voltou, então, para o outro provocador, que ajoelhado no assoalho, tentava

estancar com as mãos o sangue que escorria de seu nariz estraçalhado.

— Tem as respostas para as minhas perguntas agora? — indagou-lhe Frank, agarrando-o pelo colarinho e jogando-o contra o balcão.

— Clemência! — gemeu o homem, perdendo toda sua pose e sua arrogância.

— O que queriam comigo? — indagou Frank, erguendo-o e apoiando-o no balcão.

— O cartaz... Ganhamos num jogo de pôquer de um caçador... Ele disse que nós o encontraríamos aqui...

Frank retirou o papel dobrado do bolso do colete do homem que sangrava.

Começou a desdobrá-lo, aparentemente distraído. Um sorriso de triunfo surgiu no rosto coberto de sangue de seu desafiador.

Sem olhar para ele, Frank sacou uma das armas e disparou certeira, metendo uma bala no centro da testa do homem que estrebuchou, apoiando no balcão.

À medida que a vida se esvaía de seu corpo, ele foi deslizando para o assoalho, onde ficou imóvel.

Frank ia terminar de desdobrar o cartaz, quando a porta do saloon se abriu e o xerife, juntamente com dois ajudantes, surgiram, de armas engatilhadas em punho.

— Fique aí mesmo, homem — ordenou o xerife.

— Está tudo certo, xerife. Sou agente da lei e estes homens me provocaram. Foi legítima defesa...

— Ele não é homem da lei coisa nenhuma — disse o barman. — É um foragido da justiça. Está naquele cartaz...

— É verdade o que ele está dizendo? — insistiu o xerife.

— Já fui um homem procurado, xerife, mas paguei minha dívida servindo à justiça. Sou um agente da Pinkerton, fui anistiado pelo governador e pelo próprio presidente, em Washington.

O xerife sondou-o desconfiadamente. Baixou os olhos para os Colts que Frank trazia à cintura. As coronhas eram de madrepérola, com serrilhados marcando suas vítimas.

— Essas não são armas de um homem da lei. Costuma marcá-las sempre que mata alguém?

— Há muito parei de fazer isso, xerife. Agora, se me deixar provar, posso mostrar-lhe minhas credenciais...

— Mesmo que seja um homem da lei, acabou de matar aquele ali a sangue-frio, xerife — disse o barman, apontando o homem ao pé ao balcão.

O xerife se aproximou lentamente. Frank suspirou resignadamente. Aquela era a história de sua vida.

— Deixe-me ver esse cartaz aí — pediu o xerife.

Frank passou-lhe o cartaz, após desdobrá-lo. Depois retirou suas credenciais e estendeu-as para o xerife.

— Há junto um documento de anistia provisória, xerife. O bastante para me livrar de aborrecimentos como este — explicou, pacientemente.

— Pode ser — ponderou o xerife. — Mas o barman o acusa de matar um homem a sangue-frio.

— Esse homem é um idiota completo, xerife, que não consegue enxergar um palmo adiante do nariz — disse Frank, com rispidez.

— É verdade, xerife, eu vi — insistiu o barman. — Todos viram. Ele não deu a menor chance ao outro.

— Vá até o defunto e olhe em sua mão direita, xerife — disse Frank, com tranqüilidade.

O xerife fez o que Frank lhe pedira. Levantou o braço direito do morto. Da manga do casaco escorregou uma afiada faca.

Frank olhou na direção do barman, que empalideceu e recuou, assustado.

— Tudo explicado agora, xerife?

— Está tudo certo... Só que não gosto de encrencas em minha cidade e um homem como você é encrenca pura, Frank Spade.

— E o que se há de fazer, xerife? — indagou-lhe Frank, olhando-o resignadamente.

Os olhos do xerife se fixaram nos olhos cinzas do pistoleiro. Por trás daquele brilho mortal havia um homem solitário.

— Limpem esta bagunça — ordenou o xerife aos seus ajudantes. — Vejam se eles tem algum valor consigo. Confisquem tudo para as despesas do funeral.

Um empregado do saloon surgiu com um balde de água e uma vassoura.

— Quanto lhe devo? — perguntou Frank ao barman.

— Dez dólares — respondeu o outro, secamente.

— Dez dólares por estas bebidas? — surpreendeu-se o pistoleiro.

— Um dólar pela bebida e o resto pelos estragos — cobrou-o o barman, aborrecido por ter sido contrariado ao perceber que acusara Frank injustamente.

— Cobre o prejuízo deles — disse Frank, jogando uma moeda sobre o balcão.

— Não é o bastante — insistiu o barman.

Frank respirou fundo e debruçou-se sobre o balcão, olhando a prateleira de garrafas diante de si.

— Quanto custa aquela garrafa de bourbon? — indagou.

— Cinco dólares!

— Dê-me — ordenou, retirando um bolo de notas do bolso do paletó e separando algumas.

O barman depositou a garrafa diante dele.

— Cinco dólares pela garrafa, um pela bebida, nove pelos estragos e mais cinco para os curativos — disse Frank, enquanto depositava as notas sobre o balcão.

— Curativo, que curativo? — indagou o barman, com a cara de tolo.

— Estes! — respondeu Frank, estendendo o braço e agarrando-o pelo pescoço.

Como se fosse um boneco de trapos, Frank o trouxe por cima do balcão até diante de si. O homem tremia como uma vara verde.

— Piedade! — suplicou, perdendo toda a pose.

— Eu teria, se não fosse tarde demais para isso — murmurou Frank, entredentes.

Seus olhos cinzentos cintilaram. Seu rosto se manteve impassível, como que talhado na pedra mais fria e dura do deserto.

Seu punho abateu-se pesadamente na boca do barman, que foi jogado para trás, contra o balcão.

Ele tossiu, engasgando, antes de cuspir alguns pedaços de dente e sangue.

— Lembre-se disso da próxima vez que provocar um homem — intimou-o Frank, dando-lhe as costas e rumando para a porta.

A corista correu pendurar-se no braço dele.

— Onde vai? — indagou ela.

— Ao posto do telégrafo.

— Posso esperá-lo?

— Depende das notícias que receber — respondeu ele, desvencilhando-se dela e saindo para a rua.

Foi até o posto telegráfico. Assim que entrou, o encarregado levantou-se com um papel na mão.

— Acabou de chegar — disse, passando-o ao pistoleiro.

Frank leu com interesse o conteúdo, apesar de seu rosto demonstrar um certo descontentamento.

— Carson City — murmurou em voz alta. — Aquele bastardo me espera em Carson City — repetiu, guardando o telegrama.

Foi até o hotel e arrumou sua bagagem.

— Precisa mesmo partir? — indagou a garota.

— Sim, preciso — respondeu ele, como se não mais a conhecesse.

Algum tempo depois deixava o hotel. Seu cavalo, selado, alimentado e escovado o esperava na frente. Um garoto sorridente segurava as rédeas.

Frank prendeu o alforje com as roupas na garupa da sela. Sorriu para o garoto, atirando-lhe uma moeda.

Quando montou, levantou os olhos para as janelas do hotel. Atrás de uma das vidraças, a corista lutava para disfarçar as lágrimas.

Frank esporeou seu cavalo e galopou pela rua principal.



Em alguma parte do sul de Carson City, ao pé das montanhas, reinava uma grande agitação num acampamento mineiro, oculto entre as rochas, num pequeno vale.

Homens armados patrulhavam ostensivamente o local. Vigias atentos mantinham-se em alerta, enquanto cavaleiros iam e vinham a galope.

Alguns tiros soaram ao longe. Algum tempo depois, um bando a cavalo retornou ao acampamento, parando diante da construção principal, abrigada junto à encosta rochosa.

Um homem envergando um sobretudo do exercito confederado surgiu à porta.

Era algo de impressionante aquela figura alta e magra, de espessas barbas brancas e olhar sem brilho.

Trazia um chicote curto na mão direita e brincava com ele, girando-o entre os dedos.

— Encontraram aquele maldito amarelo? — indagou, a voz soando grave e forte.

— Sim, chefe, nós o pegamos e lhe demos uma lição definitiva — disse o homem que

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

